

| 599 | DINÂMICA POPULACIONAL E ECONÔMICA DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE DE 2000 A 2010

Marinalva dos Reis Batista, Fabíola Castelo de Souza Cordovil

Resumo

A dinâmica populacional da mesorregião centro ocidental paranaense - MCOP - está em conformidade com a dinâmica do país, que persiste na diminuição de população nos pequenos municípios. Contudo, existem, de fato, as áreas de repulsão e as de atração de população que requerem estudos específicos em cada região. Conforme dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a mesorregião em estudo sofreu em decréscimo de aproximadamente 5% de sua população total, entre 2000 e 2010. O objetivo desse artigo é verificar como a dinâmica populacional da mesorregião centro ocidental paranaense vem se comportando. Para isso, utilizou-se, além de dados do IBGE de 2000 e 2010, diversos estudos sobre a dinâmica populacional da mesorregião. Observou-se que na MCOP há um fenômeno forte de esvaziamento populacional que tem caracterizado a dinâmica de grande parte dos seus municípios, que já vinha ocorrendo desde a década de 1970. Analisamos que apenas 4 dos 25 Municípios da MCOP tiveram aumento populacional, o que indica um fator preocupante e que requer inúmeras investigações sobre esse fenômeno.

Palavras-chave: Demografia; perda populacional; Atividade econômica.

Introdução

O tema dinâmica populacional é discutido em linhas gerais por Amélia Damiani (1991), que o aborda a partir das taxas de fecundidade, mortalidade e processos migratórios. Embora esses elementos sejam variados para cada região do Brasil e do mundo, são tais dados que dão característica ativa às populações urbanas e rurais. Corrêa (2006) discute ainda que as interações espaciais são geradas a partir de outros movimentos como as migrações pendulares, sazonais e permanentes, apontando que, mais do que os processos essenciais listados por Damiani (1991), os pequenos movimentos trazem um caráter peculiar para a dinâmica populacional de cada região. Inclusive Moro (2001), Padis (2006), Cancian (1981) e Serra (2001), consideram que a dinâmica dos ciclos econômicos, sobretudo o café, deram a conformação tanto econômica quanto da rede urbana do Estado Paranaense.

O objetivo desse texto foi verificar como a dinâmica populacional da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense - MCOP - vem se comportado nos últimos dez anos. Para isso, utilizou-se de dados do Censo de 2000 e 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também foram utilizados os dados dos Cadernos Municipais (2012) e Leituras Regionais (2003) do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

(IPARDES). Santos e Silveira (2006) explicam que é cada vez mais comum pessoas buscarem uma nova cidade, um novo estado e, até mesmo, outro país para se estabelecerem. Contudo, verifica-se o fato de que o atrativo substancial que ainda voa a dinâmica populacional, sobretudo no Brasil, ainda está alicerçado na busca por emprego, que consequentemente trás melhores condições de vida.

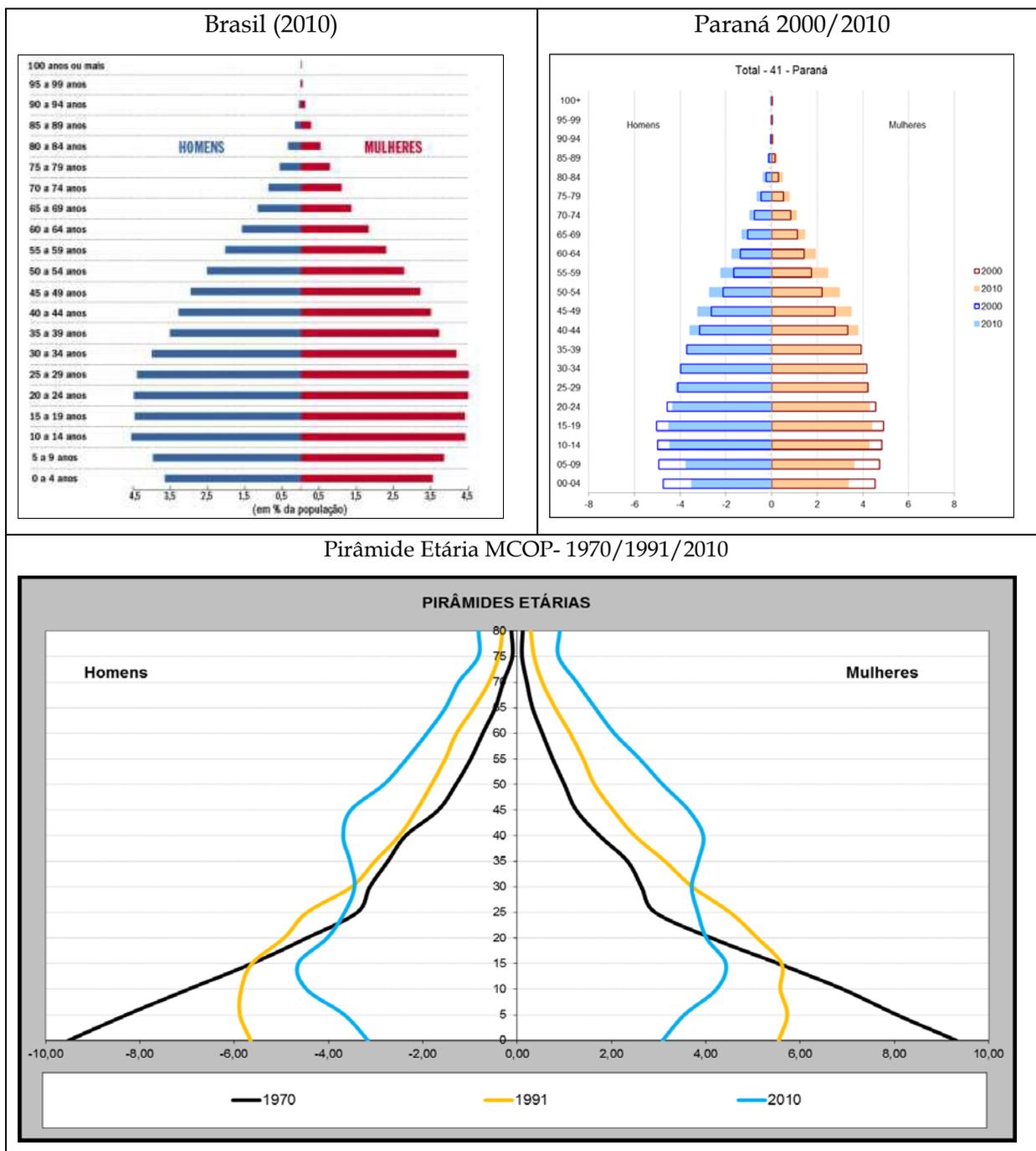
Fatores da dinâmica populacional

Pode-se definir população como o conjunto de pessoas que residem em determinado território, uma cidade, um estado, um país ou o planeta. Ela pode ser classificada segundo sua religião, nacionalidade, local de moradia (urbana e rural), atividade econômica (ativa ou inativa) e tem seu comportamento e suas condições de vida retratados através de indicadores sociais - taxas de natalidade, mortalidade, expectativa de vida, índices de analfabetismo, participação na renda, etc.

A taxa de natalidade corresponde ao número proporcional de nascimentos que tem lugar numa determinada área e num determinado período de tempo (DAMIANI, 1991) e para compreendê-la em um país, por exemplo, é necessário considerar o que está acontecendo nas diferentes regiões ou classes sociais. Para Damiani (1991, p.28) “a dinâmica populacional conteria, em linhas gerais, como componentes a natalidade (e a fecundidade), a mortalidade e a migração”. De modo geral, o crescimento populacional seria determinado por esses elementos. Essa perspectiva pode ser analisada na figura 01, em que se dispõem as pirâmides etárias do Brasil, do Paraná e da MCOP, identificando a similaridade em das projeções.

Damiani (1991) aponta que para compreender os componentes populacionais é necessário privilegiar aspectos sociais diversos, visto que um tratamento estritamente biológico de componentes como a fecundidade, que mede a capacidade de procriar da espécie humana, não é suficiente. A fecundidade seria apenas um aspecto do comportamento reprodutivo que sofre a influência de outros aspectos como a variação da idade de casamento que, por sua vez, sofre influência dos fatores culturais (religiosos), econômicos (crise econômica e atraso da idade do matrimônio) e políticos (como a política da China, que penalizava casais com mais de um filho), etc.

Figura 01: Pirâmide Etária Brasil (2010). Paraná 2000/2010 e MCOP (1970-1991-2010).



FONTES: IBGE; IPARDES (2012).

Tecendo uma breve análise das projeções da figura 1 para o ano de 2010, verifica-se que a dinâmica populacional da MCOP caminha junto com a do Estado do Paraná e do Brasil. O formato de gota, como os estudiosos da área vêm chamando, é característico da predominância de adolescentes e adultos jovens, ou seja, na faixa de 10 a 35 anos. A situação culmina no bônus demográfico para o país, uma vez que há um contingente maior da população em idade ativa. Diferentemente das décadas anteriores, nas quais o formato

tendia para a forma piramidal, em que havia mais gasto com educação, uma vez que predominavam crianças e adolescentes.

No entanto, com a demografia em transformação, há uma forte tendência de que a pirâmide etária atinja o formato de pote, de modo que seria um estado de alerta, pois haverá quase tantos idosos quanto jovens. Tal situação acarretaria mais gastos com saúde e previdência, semelhante ao que ocorre hoje nos países de mais desenvolvidos.

Vale ressaltar que, quanto mais acentuadas as diferenças sociais e maiores a concentração da renda, maiores as distâncias entre a média dos indicadores sociais de população e a realidade em que vive a maioria dos cidadãos. No que se refere ao índice de mortalidade, este equivale à relação entre o número de óbitos em determinado ano e a população total neste mesmo ano. Considera-se que a taxa de mortalidade infantil é especialmente sensível aos dramas sociais vividos pela população (DAMIANI, 1991).

Já a análise da taxa de migração, para Damiani (1991, p.41), é fundamental para o desvendamento da relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital, para além da concepção de crescimento natural, ou seja, a do excesso de nascimentos sobre mortes. A autora enfoca que “tanto as migrações internacionais, como as migrações internas – rural-urbana e rural-rural – comprovam o processo de expropriação (a concentração da propriedade), e de exploração, que marcam o desenvolvimento do capitalismo em países como o Brasil”.

Obviamente qualquer deslocamento de pessoas traz consequências demográficas, pois nas áreas de atração há aumento populacional, já nas de repulsão há a sua diminuição. Também há consequências culturais (língua, religião, culinária, arquitetura, artes, costumes em geral), que são positivas, pois ocorre o enriquecimento dos valores postos em contato.

Para Roberto Lobato Corrêa (2006, p.279) “as migrações em suas diversas formas (definitivas, sazonais, pendulares etc.) [...], o deslocamento de consumidores aos centros de compras, a visita a parentes e amigos, a ida ao culto religioso, praia ou cinema [...], são entre tantos outros, exemplos correntes de interações espaciais” nas quais todos estão envolvidos. Corrêa enfatiza que a efetivação do processo produtivo pressupõe interações espaciais principalmente na escala intra-urbana.

No que se refere à população brasileira destaca-se que há uma movimentação cada vez maior, misturando sobre todo o território pessoas das mais diversas origens, sendo cada vez maior o número de brasileiros ausentes de seu local de nascimento (SANTOS e SILVEIRA, 2006).

O esvaziamento populacional de áreas anteriormente economicamente dinâmica acarreta a dificuldade de interrelações, entre fluxos e fixos, agravando ainda mais as possibilidades de fixação da população, principalmente dos mais jovens.

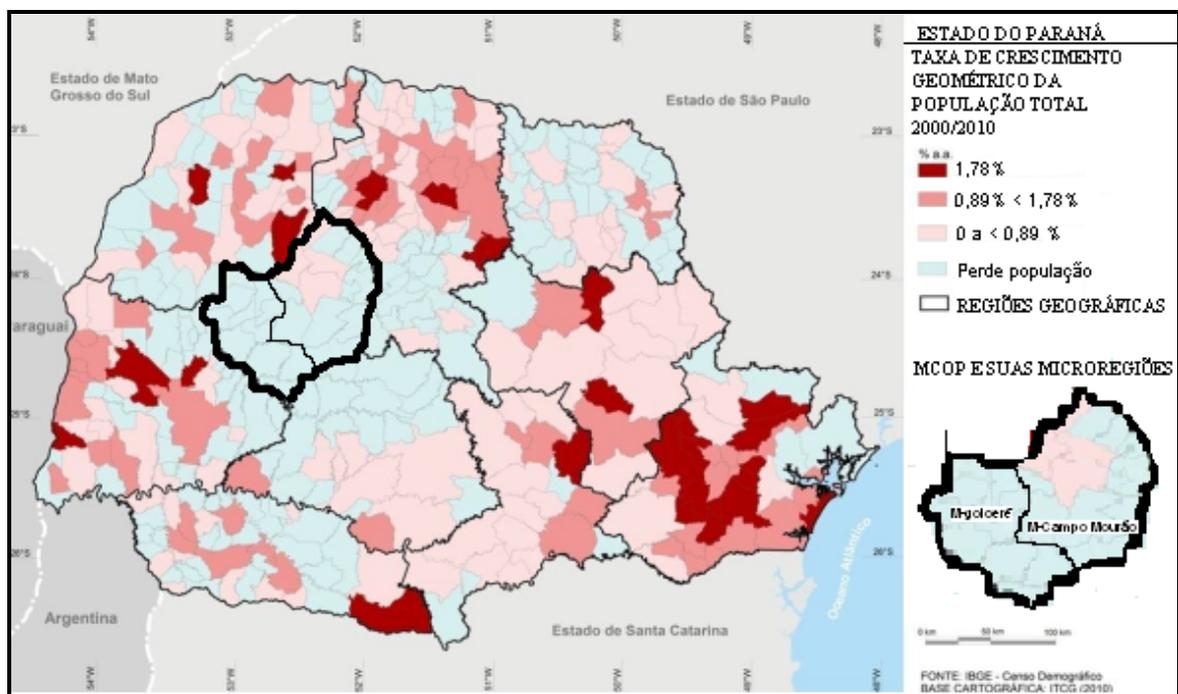
Certamente as situações em cada localidade guardam peculiaridades que se relacionam com os seus elementos econômicos e sociais distintos. No entanto, os efeitos sobre o território são semelhantes no que se refere à crescente precariedade da estrutura física e ao empobrecimento das pessoas o que as forçam a procurar outros locais em busca de melhores condições de vida.

Nesse estudo, nos deteremos a analisar o caso da MCOP no intuito de indicar os processos e os efeitos do esvaziamento populacional, bem como apontar as peculiaridades dos municípios que, ao contrário, obtiveram ganho populacional.

Dinâmica populacional na MCOP de 2000 a 2010

A MCOP possui aproximadamente 1,2 milhões de quilômetros quadrados de extensão territorial, dividida em duas microrregiões, a de Goioerê e Campo Mourão (Ver figura 02).

Figura 02: Mapa do Paraná com a taxa de crescimento geométrico total 2000-2010.



Fonte: IBGE - Censos Demográficos. Base Cartográfica ITCG (2010).

Modificado por: Batista, M.R.

Ambas as microrregiões são consideradas estagnadas pelo Ministério da Integração Nacional (2009). Conforme dados do Censo Demográfico do IBGE do ano 2000, juntas possuíam mais de 346.648 habitantes espalhado nos seus 25 municípios. Já no Censo de 2010, a mesorregião encontra-se com 335.125 habitantes, somando uma perda de 11.523 habitantes.

Os municípios que compõem a mesorregião que perderam população no decênio são: Altamira do Paraná; Barbosa Ferraz; Boa Esperança, Campina da Lagoa; Corumbataí do Sul; Engenheiro Beltrão; Farol; Fênix; Goioerê; Iretama; Janiópolis; Juranda; Luiziana; Mamborê; Moreira Sales; Nova Cantu; Quarto Centenário; Quinta do Sol; Rancho Alegre d'Oeste; Roncador; Ubiratã. Esses municípios pela definição de Santos e Silveira (2006) podem ser caracterizados como espaços opacos que, ao contrário dos espaços luminosos, não são dotados de acumulação de densidade técnica e informacional.

Nesse sentido, seguindo a mesma lógica de Santos e Silveira (2006), os municípios - Araruna, Campo Mourão, Peabiru e Terra Boa, que tiveram aumento populacional, são os espaços luminosos, que são “aqueles que mais acumulam densidade técnica e informacionais, ficando assim aptos a atrair atividades com maior conteúdo capital, tecnologia e organização”. (SANTOS E SILVEIRA, 2006, p.264).

O Censo Demográfico do IBGE do ano 2010 demonstra que as quatro cidades desta mesorregião, que tiveram aumento populacional, somam juntas um contingente de 8.329 pessoas. As demais cidades tiveram perdas significativas como Altamira do Paraná com perda de 2.693, em segundo lugar ficou Nova Cantu, que perdeu 2.489, e em terceiro Roncador com perda de 2.059 habitantes nos últimos dez anos (Tabela 01).

Portanto, a análise demonstra que a dinâmica populacional da mesorregião está em conformidade com a dinâmica do país, que persiste na diminuição de população nos pequenos municípios. Contudo, existem, de fato, as áreas de repulsão e as de atração de população. Nas primeiras, ou seja, área de repulsão, geralmente se observa crescente desemprego, subemprego e baixos salários, já na segunda, áreas de atração, são oferecidos melhores perspectivas de emprego e salário e, portanto, melhores condições de vida. Dessa forma a dinâmica econômica de cada município influencia diretamente na permanência da população.

Tabela 01: Dados populacionais da MCOP (total rural-urbano).

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO TOTAL 2000	POPULAÇÃO TOTAL 2010	TAXA GEOMÉTRICA CRESCIMENTO (% a.a) 2000/2010
Altamira do Paraná	6.999	4.306	-4,74
Araruna	13.081	13.419	0,26
Barbosa Ferraz	14.110	12.656	-1,08
Boa Esperança	5.162	4.568	-1,22
Campina da Lagoa	17.018	15.394	-1
Campo Mourão	80.476	87.194	0,8
Corumbataí do Sul	4.946	4.002	-2,1
Engenheiro Beltrão	14.082	13.906	-0,13
Farol	3.963	3.472	-1,31
Fênix	4.942	4.802	-0,29
Goioerê	29.750	29.018	-0,25
Iretama	11.335	10.622	-0,65
Janiópolis	8.084	6.532	-2,11
Juranda	8.134	7.641	-0,62
Luiziana	7.540	7.315	-0,3
Mamborê	15.156	13.961	-0,82
Moreira Sales	13.395	12.606	-0,61
Nova Cantu	9.914	7.425	-2,85
Peabiru	13.487	13.624	0,1
Quarto Centenário	5.333	4.856	-0,93
Quinta do Sol	5.759	5.088	-1,23
Rancho Alegre d'Oeste	3.117	2.847	-0,9
Roncador	13.632	11.537	-1,65
Terra Boa	14.640	15.776	0,75
Ubiratã	22.593	21.558	-0,47
MCOP	346.648	334.125	-0,37
Paraná	9.563.458	10.444.526	0,89

FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000-2010.

Ao examinar o processo histórico de ocupação e desenvolvimento do Estado do Paraná, identificamos que o cultivo de café teve ligação direta na dinâmica socioespacial da MCOP, assim como nas demais mesorregiões listadas pelo IBGE, principalmente, com o desenvolvimento agrícola que foi e ainda continua sendo de grande importância para o Estado em questão. O que se observa é que assim como o ciclo da cana de açúcar e da mineração, a cultura cafeeira teve seu momento áureo e depois foi se diluindo permanecendo apenas resquícios isolados deste tipo de cultivo agrícola.

O ciclo do café no Paraná, nas considerações de Cancian, (1981 p.13) “é continuação da ‘marcha para Oeste’ dos paulistas, que sempre a procura de perspectiva de lucros adentra o Paraná”, além da procura por terras roxas, devido a apresentar alta rentabilidade na produção do café. Ainda salienta-se que o governo brasileiro no início do século XX dava incentivos para a implantação da cultura cafeeira e, assim, os paulistas foram ocupando as terras paranaenses, com intuito da inserção deste cultivo no estado.

Embora muitos autores concordem que a cultura do café não tenha ultrapassado o paralelo 24° (latitude sul) - plano equatorial terrestre, que atinge a área de Campo Mourão-PR dentro da MCOP - pois ao sul desta as condições climáticas não são favoráveis ao desenvolvimento da cultura, outros autores como Padis (2006 p. 131) diz que “tal foi o ritmo e o volume dessa expansão que o café chegou a ser plantado para além do paralelo 25”. O fato é que a economia cafeeira fora de uma importância relevante para a o desenvolvimento de diversas áreas, contudo, sua participação mais intensa se deu na porção norte do Estado, uma vez que nas terras do Sul paranaense a lavoura cafeeira não era a cultura predominante.

Sobre a importância do café para a economia regional até meados da década de 1960, Serra (2001, p.145) coloca que “o café era o pêndulo da economia regional, sendo difícil encontrar na história outro exemplo de uma simbiose tão completa entre o que o produto trouxe para a região e que encontrou nesta região”. Já no final desta década de 1960 a economia paranaense entra no processo de modernização da agricultura. Nas considerações de Moro (2001, p. 97), entende-se por modernização da agricultura o processo pelo qual “na sua dinâmica interna, produz mecanismos capazes de alterar profundamente os componentes sócio-espaciais que presidem a organização da estrutura do espaço agrário regional”.

De acordo com Moro (2001), esta fase, de erradicação foi considerada conservadora e dolorosa. Conservadora porque a posse da terra continuou na mão dos mesmos, ou seja, não rompeu com a concentração fundiária; e dolorosa porque acentuou o êxodo rural, sendo que os trabalhadores ligados à agricultura e à agropecuária tiveram que procurar novos meios de sobrevivência, levando-os a migrar para as cidades.

Entretanto, segundo Moro (2001, p. 92), “entre o final da década de 50 e início da de 60, o mercado do café entra em profunda crise, decorrente do excesso de oferta do produto em relação à demanda do mercado”. As supersafras no norte paranaense e a entrada de café estrangeiro no mercado mundial levaram a uma crise na qual desencadeia uma série de eventos até chegar à erradicação da lavoura cafeeira.

No decorrer da década de 1960 o governo passa a desestimular a cafeicultura e, direcionando-se à modernização da agricultura, inicia a política de estímulo para a cultura de oleaginosas, mais precisamente o trigo e soja. Nesta época ocorre a criação órgão que participariam desta investida na erradicação do café, o GERCA- Grupo Executivo de Racionalização da Agricultura. Apoiado pelo Programa de Racionalização da Cafeicultura, o grupo tinha como meta erradicar dois bilhões de cafeeiros, os considerados antieconômicos; além da diversificação de culturas e dos investimentos na industrialização. Além disso,

muitos outros fatores contribuíram para erradicação do café, dentre eles, a geada de 1960 e a ferrugem que também atingiu os cafezais nesta mesma década (MORO, 2001).

Trintin (2006), salienta que em finais da década de 1960, havia poucas terras disponíveis para serem ocupadas. Isso se fez por consequência da rápida ocupação e expansão do número de estabelecimentos rurais, de modo a determinar o dinamismo econômico paranaense. O setor industrial, no Estado do Paraná, só teria impulso a partir de 1940. As demais atividades, do setor industrial ao terciário, giravam, a partir de então, em torno do desenvolvimento agrícola. Sendo que, é importante apontar que, nunca houve uma monocultura alicerçada no café, este sempre dividiu o espaço em com outras culturas, como: o arroz, o feijão, o milho e o algodão (TRINTIN, 2006); (CANCIAN, 1981).

Nesse contexto, a MCOP, no início da década de 70, concentrou cerca de 530 mil habitantes, representando uma área razoavelmente populosa do coração do Estado. Apesar do intenso surgimento de cidades verificado na região no transcorrer do processo de ocupação, a maior parte da população ainda residia no meio rural. No período 1960-1970, a população passou de 369.906 habitantes para 532.143 habitantes (representando um acréscimo de 162.237 habitantes), ou seja, de 43,85%, um grande crescimento. A passagem da agricultura tradicional para moderna resultou em intenso processo de saída de população da MCOP. Em 1980 a população caiu para 403.902, passou para 387.451 em 1990. Em 2000 346.648, e em 2010 atinge cerca de 334.125 habitantes (IPARDES, 2003).

Nas considerações de Santos (2007), a cada nova dinâmica nas atividades humanas “desencadeia uma série de outros movimentos que resultam numa redistribuição da população e dos capitais disponíveis sobre espaços mais amplos”. (SANTOS, 2007, p.139).

Dessa forma, salienta-se, que nas regiões onde o café foi substituído pelo trinômio soja/milho/trigo a saída do homem do campo tornou-se fenômeno vertiginoso, culminando na aglomeração dessas pessoas na área urbana e na migração para grandes centros. Essa modernização da agricultura gerou profundas transformações na paisagem rural, que passa de uma grande diversidade e heterogeneidade de elementos que a compõem a um quadro monótono e com baixíssima diversidade em sua composição. Além de agravar a situação no campo, a população que partiu para a cidade teve e continua com grandes problemas na busca pelo emprego na indústria e no comércio.

A dinâmica econômica nos quatro municípios que aumentaram a população na MCOP

Vale ressaltar os pontos de maior atratividade nos municípios em que houve aumento de população na MCOP a fim de verificar a oferta de emprego nessas localidades, uma vez que se buscam alternativas de aplicação nos demais municípios, com o intuito de fazer com que não haja saída dos habitantes para outras localidades. Salienta-se que, à medida que há uma grande saída de habitantes, consequências são muito graves para o município como a menor arrecadação, o menor movimento no mercado consumidor, além de outros problemas ocasionados pela diminuição constante de população nos municípios. Na mesma esteira Véron (1994), considera que “a urbanização é indissociável do crescimento econômico”. (VERON, 1994, p. 70). Nesse sentido, verificaram-se os setores que tem contribuído para a fixação do contingente populacional nos Municípios, que será apresentado em sequência.

O município de Araruna teve aumento no número de habitantes entre o decênio 2000/2010. A base da economia do município está relacionada à atividade agropecuária. Com plantações principalmente se soja, milho e trigo, além de culturas de mandioca, café e cana-de-açúcar em menor escala. Também conta com pecuária de corte e leite, e mais recentemente avicultura. O principal destino das safras colhidas no município, assim como nos demais municípios da região, é levado para a Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda (Coamo). Existe uma grande quantidade de pequenas e médias indústrias no município. As atividades principais deste setor estão vinculadas à produção de alimentos e móveis, além da produção da indústria metalúrgica.

De acordo com os cadernos municipais (2010) a população economicamente ativa encontra-se apoiada em serviços de agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e pesca, somando um total de 1.930. Já a Indústria de transformação possui 1.565 empregos formais. Os municípios de Araruna e Terra Boa, também com pequena população de 13.081 e 14.640 habitantes, respectivamente, diferenciam-se pela participação maior da indústria, tais como a indústria de transformação, têxtil, etc.. Esse forte setor industrial pode ser apontado como um dos motivos os municípios tenham aumentado o número de habitantes.

O caderno Leituras Regionais (IPARDES, 2003) aponta que, na MCOP, dos 25 municípios o que mais se destaca é Campo Mourão, em função de sua dimensão populacional e nível de polarização. Essa ideia de pólo regional iniciou-se na década de 1970, conforme Santos (2007), seu interlocutor fora François Perroux. Assim, conforme Santos (2007, p.165), “o conceito de pólo de crescimento tornou-se uma vítima de sua própria popularidade, num momento em que a ideia de planejamento surgia como slogan”.

Esse município, juntamente com o município de Goioerê, forma dois centros regionais de áreas de atração de população. Em 2000, os dois municípios detinham 72% da população da Messorregião. Entretanto, como mostra os dados de 2010, Goioerê vem perdendo o seu contingente populacional, e Campo Mourão teve um aumento de população considerável nos últimos dez anos (IPARDES, 2003).

Conforme dados do IPARDES (2003), a dinâmica urbana de Campo Mourão encontra-se estruturada principalmente em função da Coamo, fundada em 1970. *“Destaca-se pelo rol de atividades urbanas mais diversificadas, comparativamente aos demais municípios da região, sendo nitidamente o centro mesorregional de comércio e serviços”* (IPARDES, 2003, p. 30).

Segundo IPARDES (2012), em primeiro lugar na geração de empregos no município de Campo Mourão destaca-se o comércio, mais especificamente, a reparação de veículos automotores e motocicletas, com 9.847 pessoas empregadas. Em segundo lugar, a indústria de transformação, com 5.232 empregos. Em terceiro a construção civil 3.683 pessoas ocupadas. A partir disso, segue com o setor da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, empregando 3.441 pessoas. E no mesmo patamar está a educação, gerando 3.063 empregos.

Assim como Araruna e Campo Mourão tem seus atrativos, Peabiru segue com os mesmos setores em ascensão, lembrando que também foi um dos municípios que teve aumento populacional de 13.487 em 2000 para 13.624 habitantes em 2010. A principal atividade econômica do município, segundo IPARDES (2012), é a agricultura, a pecuária, a produção florestal, a pesca e a aquicultura, empregando juntos 1.465 pessoas. Logo em seguida há o comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas com 1.186 ocupadas. E ainda a área da educação, gerando 416 empregos. Vale lembrar que, devido à proximidade dos municípios de Peabiru e Araruna com Campo Mourão, muitos trabalhadores se deslocam para trabalhar no município gerando uma dinâmica diferencial no que corresponde Terra Boa, o qual é influenciado em grande parte pelo município de Cianorte, localizado na mesorregião Noroeste do Paraná.

O município de Terra Boa devido à proximidade tem maior dinâmica com o município de Cianorte, localizado na mesorregião Noroeste do Paraná (IPARDES, 2003, p.78). A atividade econômica que mais gera emprego no município é a da indústria de transformação com 3.460 empregados. Na sequência tem-se a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura gerando ocupação para 1.437 pessoas. E em terceiro encontra-se trabalhadores do comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas com 1.026 pessoas empregadas.

Conclusões

Apesar de ter seguimentos fortes na indústria e no comércio nos quatro municípios que tiveram aumento populacional, os demais municípios que não tiveram crescimento na MCOP necessitam de mais investimentos no setor industrial, agrícola e comercial, uma vez que são os que fazem a dinâmica econômica da Messorregião.

Contudo, apesar de Araruna, Campo Mourão, Peabiru e Terra Boa terem aumento populacional, há um fenômeno forte de esvaziamento populacional que tem caracterizado a dinâmica de grande parte dos seus municípios, que já vinha ocorrendo desde a década de 1970. Esse esvaziamento nos pequenos municípios verifica-se no caso de emprego e educação escassos. Portanto, a consequência são as migrações.

Na geografia os estudos da demografia contribuem para caracterizar a dinâmica econômica de cada região e assim identificar os problemas, a etnia predominante da mesma e traçar o perfil desse recorte de estudo para identificar se é uma área de atração ou repulsão populacional.

Da mesma forma analisamos dados e fazemos projeções para o futuro, porém hoje, para muitos, a tendência é que cada vez mais os pequenos municípios esvaziem-se e sigam rumo às metrópoles, pois é onde atualmente se encontra a concentração de emprego. Inclusive, se persistir o mesmo fenômeno da MCOP, o município de Campo Mourão terá aproximadamente 100.000 habitantes na próxima década, e muitos dos demais componentes da Mesorregião serão prejudicados.

Nesse sentido, uma forma para fixar o contingente populacional no município, será o apoio a indústrias, comércio, agricultura, enfim, investimentos em atividades econômicas e a estruturação dos serviços. Salienta-se que, a partir da leitura da MCOP, verifica-se que esta região tem uma variação de atividades em cada ponto, conformando uma área sem identidade. De um lado Campo Mourão que tem presença relevante na economia brasileira, e de outro, vários municípios que fazem ponte com o setor econômico da sua microlocalização, uma vez que a sede da Coamo se encontra no município.

Referências bibliográficas

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura Paranaense-1900/1970**. Curitiba: GRAFIPAR, 1891.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. São Paulo: Bertrand, 2006.

DAMIANI, A. L. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Censo 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em 05 de Jun. de 2012.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Perfil Municipal**. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal> acesso em 04 de Jun. 2012.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico Município de Campo Mourão**. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio>> acesso em 04 de Jun. 2012.

_____. **Caderno Estatístico Município de Terra Boa**. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio>> acesso em 04 de Jun. 2012.

_____. **Caderno Estatístico Município de Araruna**. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio>> acesso em 04 de Jun. 2012.

_____. **Caderno Estatístico Município de Peabiru**. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio>> acesso em 04 de Jun. 2012.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR)**. Disponível em <www.mi.gov.br/desenvolvimentoregional/pndr> Acesso em 4 de Jun. de 2012.

MORO, Dalton Aureo. A Modernização da Agricultura Paranaense. In: VILLALOBOS, Jorge Guerra (Org.). **Geografia Social e Agricultura no Paraná**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia – UEM, 2001.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica**. O caso do Paraná. 2ª Edição. Curitiba: IPARDES, 2006.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial. Críticas e Alternativas**. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SERRA, Elpídio. Teoria e Prática Cooperativista entre os Produtores Rurais. In: VILLALOBOS, Jorge Guerra (Org.). **Geografia Social e Agricultura no Paraná**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia - UEM, 2001.

TRINTIN, Jaime Graciano. **A nova economia Paranaense 1970-2000**. Maringá: Eduem, 2006.

VERON, Jacques. **População e Desenvolvimento**. Portugal: Europam: 1994.